

## **As gravuras rupestres do baixo rio Urubu (Amazônia Central) e a formação de uma fronteira cultural persistente no final do I milênio DC.**

Filippo Stampanoni Bassi e Marta Sara Cavallini

### **Resumo**

Esse artigo pretende contribuir para a interpretação do contexto arqueológico regional da Amazônia Central, no final do I milênio DC. Mais no específico, será avançada uma proposta de colocação crono-cultural do registro rupestre da bacia do baixo rio Urubu (Itacoatiara/AM), a partir da datação radiocarbônica de uma camada de sedimentos fluviais que cobre uma rocha gravada no sítio arqueológico AM-IT-31 Caretas.

Enfim, através de uma abordagem microrregional, procurar-se-á discutir se o fenômeno da confecção de petróglifos, no baixo rio Urubu, possa ou não ser entendido como um correlato do processo de intensificação da ocupação regional e de formação e manutenção de uma fronteira cultural.

**Palavras-chave:** arte rupestre amazônica - rio Urubu - fronteira cultural

### **Introdução**

O contexto crono-cultural da Amazônia Central atualmente conta com uma das mais robustas bases de dados arqueológicos disponíveis para a região amazônica (Neves, 2012). Portanto, pode ser considerado o terreno ideal para amadurecer a reflexão sobre a relação entre as culturas arqueológicas e a dinâmica dos sistemas que as criaram e as reproduziram. As culturas arqueológicas são conjuntos recorrentes de tipos de artefatos que co-ocorrem em uma dada região durante um determinado período e devem ser consideradas, antes de tudo, como ferramentas heurísticas, propedêuticas ao processo de explanação.

Devido à resolução macrorregional e à perspectiva de longa duração com a qual foram definidas tais categorias analíticas na Amazônia, poderia se esperar a ocorrência de limites culturais fluidos. No entanto, algumas áreas mostram o desenvolvimento e a persistência de fronteiras culturais durante séculos, cujo significado é ainda objeto de estudo. É possivelmente esse o caso da região do rio Urubu, onde, no final do primeiro

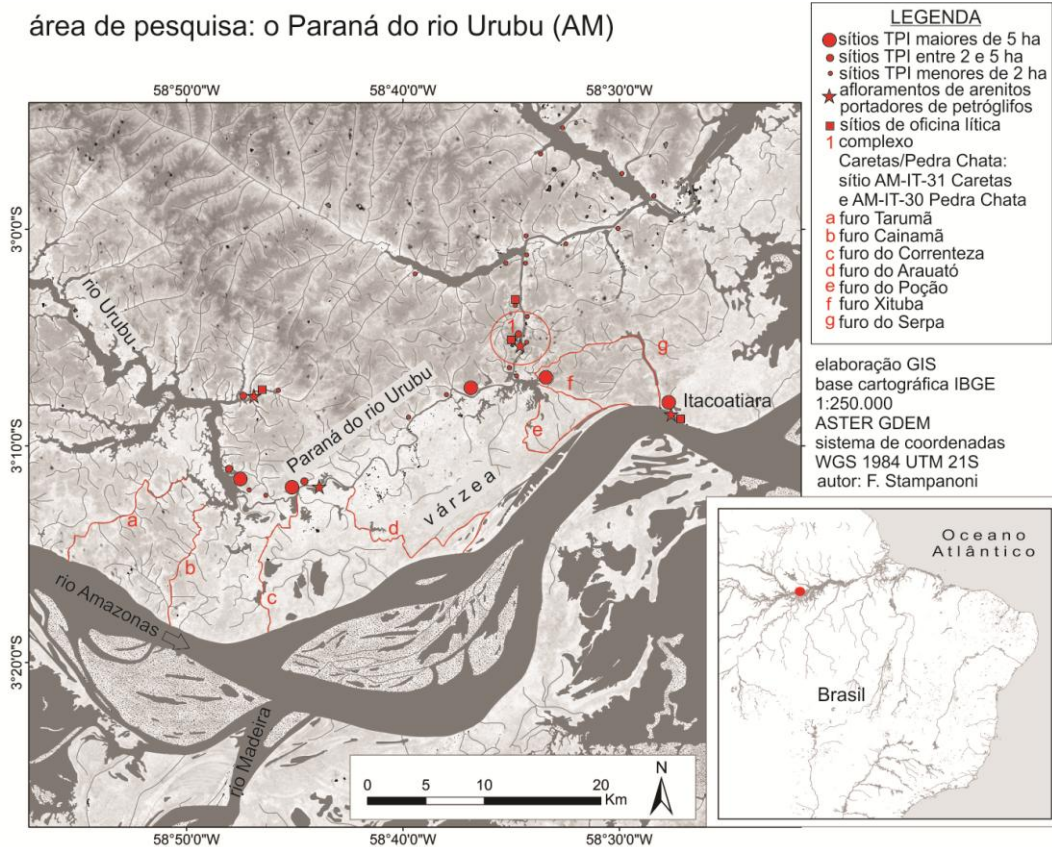
milênio AD, se cruzam três das quatro grandes tradições cerâmicas pré-coloniais (Lima, 2013) e o maior estilo de arte rupestre da Amazônia (Pereira, 2012).

Este artigo pretende oferecer alguns subsídios para a interpretação do contexto arqueológico da Amazônia Central, a partir de uma perspectiva teórica que procura sintetizar os conceitos de *fronteira persistente* e *etnicidade instrumental* (Barth, 1969a; Cohen, 1974), inseridos em um discurso que considera a história como uma construção cultural que se dá através da prática (Pauketat, 2001).

Nesse cenário, as gravuras rupestres do baixo rio Urubu são consideradas como parte do processo de intensificação da ocupação e de domesticação da paisagem, além de poder tornar-se uma fonte de tradição para patentear novos símbolos, reafirmando uma continuidade entre passado e presente.

### Área amostral

A bacia do rio Urubu, afluente da margem esquerda do médio curso do rio Amazonas, situa-se na região centro-oriental do Estado do Amazonas, próximo à confluência desse curso de água com os rios Uatumã, a NE, e Madeira, ao S.



Essa área foi descrita como o limite da dispersão de duas tradições cerâmicas contemporâneas durante o período pré-colonial tardio, a Polícroma e a Inciso Ponteadada, inaugurando a hipótese de tratar-se de uma fronteira cultural (Lima, 2013).

Após quatro anos de pesquisa na região, a análise da variabilidade do registro cerâmico ainda não oferece dados suficientes para entender as dinâmicas de formação de tal hipotética fronteira. Todavia, um preliminar estudo dos padrões de assentamento sugere uma associação espacial recorrente entre sítios de ocupação multicomponenciais com terra preta, afloramentos ribeirinhos de arenitos portadores de petróglifos e uma rede de canais sazonais que conectam, atravessando a várzea, o baixo curso do rio com o médio Amazonas. De fato, esse trecho do rio, chamado Paraná do Urubu, apresenta uma brusca inflexão do canal, que cria um cotovelo de 90°, acerca de 12 quilômetros do Amazonas, prosseguindo então paralelo a esse último, até desaguar no lago Saracá. Tal mudança abrupta é devida ao fato que sua antiga foz foi assoreada pelos sedimentos depositados pelo rio Amazonas, depois de sua leve translação segundo o eixo N-W devida a ajustes tectônicos holocênicos (Lima da Silva, 2005). Vestígio do seu antigo curso é o “furo” que o liga ao Amazonas próximo da vila de Mura, que já foi sua foz (vide mapa 1).

Essa microrregião sugerimos possa ter sido uma área chave de conexão entre as duas bacias, além de ser estratégica para o acesso aos recursos da várzea. Portanto, um contexto onde se assume maior intensidade de práticas relativas à construção e negociação cultural. Não é a caso que aqui se encontra a maior concentração de arte rupestre regional, que é uma rica fonte de informações produzidas com intento simbólico, caracterizada por exprimir um desejo de permanência no tempo.

Para dar visibilidade a tais práticas reiteradas, que são a arena onde se materializam as disputas à base dos modelos de interação e identidade, decidimos focar no complexo arqueológico formado pelo sítio rupestre AM-IT-31 Caretas em associação espacial com o sítio de terra preta AM-IT-30 Pedra Chata.

### **O complexo arqueológico Caretas - Pedra Chata**

O sítio rupestre Caretas (3°04'50.90''S, 58°34'25.28''W) é constituído por 178 rochas areníticas que afloram numa área de 2060 m<sup>2</sup> durante os meses de outubro e novembro,

expondo a maior densidade de petróglifos da região<sup>1</sup>, sinais de oficina lítica e áreas picoteadas que indicam possível processamento de matérias primas; para novamente sumir, abaixo da linha das águas do rio, durante o resto do ano.

Devido aos processos naturais de erosão e sedimentação, o sítio sofreu ao longo do tempo uma significativa dinâmica de movimentação das rochas, à qual está evidentemente relacionado o ciclo de atividade gráfica: de fato foram documentados petróglifos confeccionados sobre a mesma rocha em diferentes estágios de intemperismo e em posições mutuamente excludentes.

Inclusive, a concentração de diversas atividades antrópicas, sem solução de continuidade no sítio, possibilitou relacionar cronologicamente, graças às sobreposições, a oficina lítica com algumas gravuras realizadas desfrutando uma superfície polida precedente; em muitos casos, as marcas antrópicas participam também do processo de realização das morfologias gráficas, se tornando parte das mesmas.

Esses elementos sugerem tratar-se, portanto, de um sítio estruturado ao longo do tempo, durante o qual processos naturais e antrópicos de longa duração interagiram na construção reiterada da paisagem rupestre.

Uma análise preliminar dos petróglifos aponta para outros elementos de continuidade na construção dessa paisagem: o universo temático cefalomorfo é homogêneo no sítio inteiro, assim como a presença de tipologias gráficas recorrentes, apesar da grande variabilidade morfológica interna às gravuras na realização desse tema. Essa dimensão temática do fenômeno gráfico (Pessis, 1992) reflete evidentemente uma escolha compartilhada pelas autorias e, apesar de não permitir o estabelecimento de parâmetros para caracterizar uma tradição crono-cultural, pelas inúmeras variáveis que podem ter influenciado tais escolhas, sugere a persistência de um traço formal comum no código de comunicação social que é o registro rupestre.

Outra característica persistente no Caretas é o reaproveitamento das feições rochosas (fendas, orifícios, protuberâncias, arestas) na realização das gravuras, incorporando as formas naturais como parte das figuras mais realísticas. Essa relação entre os petróglifos e o suporte cria a impressão visual de imagens cefalomorfas naturalmente contidas na matéria viva da rocha e reitera a conexão entre paisagem culturalmente construída e arte rupestre: de fato são essas feições micro-paisagísticas do painel que, fazendo parte do gravado, permitem o completo reconhecimento das figuras.

---

<sup>1</sup> Ao estado atual da pesquisa foram analisadas 152 unidades gráficas e 52 painéis, correspondentes ao 70% do sítio inteiro.

Tal redundância na forma de apresentação gráfica, mais ainda da homogeneidade temática, pode refletir escolhas culturalmente determinadas por padrões de comportamento social (Pessis, *ibidem*).

Com o objetivo de explorar a relação espacial existente entre os sítios Caretas e Pedra Chata, foi elaborada uma estratégia de prospecção e mapeamento georreferenciado do complexo arqueológico. Os resultados apontam para a presença de quatro caminhos que conectam as duas componentes; tais evidências, apesar de necessitarem ainda de um teste crono-estratigráfico, sugerem uma utilização pré-colonial das duas áreas em conjunto. Outro indício da possível relação cultural entre os sítios foi obtido durante uma sondagem de 2 m<sup>2</sup> realizada por níveis artificiais no setor de maior concentração de vestígios do sítio Pedra Chata. A escavação evidenciou um contexto estratigráfico de matriz antrópica com 1 m de profundidade, composto por seis camadas arqueológicas, sem solução de continuidade. A análise do material cerâmico aponta para uma intensa e provavelmente continuativa ocupação do lugar (possivelmente séculos II-XVI DC); inclusive, demonstra a presença de pelo menos dois conjuntos artefatuais associados à fase Itacoatiara (tradição Borda Incisa) e a tradição regional Saracá, que vem sendo interpretada como um correlato material da interação entre povos produtores das cerâmicas Polícroma e Inciso Ponteadas. Associada a esse último conjunto foi encontrado um alicate cerâmico modelado em forma de rosto. O tema coincidente e o estilo semelhante entre tal decoração e o registro rupestre cefalomorfo típico do sítio Caretas são um índice de uma associação iconográfica entre os dois conjuntos.

### **As primeiras datações da arte rupestre do rio Urubu**

Como vimos, existem diversas classes de dados apontando para uma possível relação cultural entre os petróglifos e a ocupação ceramista regional; porém, devido ao nível ainda incipiente das pesquisas sistemáticas sobre as gravuras rupestres amazônicas, até hoje em dia não se dispunha de algum parâmetro cronológico para inserir tais manifestações gráficas no contexto arqueológico. Com o intento de preencher pelo menos em parte essa lacuna, apresentamos aqui os resultados de uma escavação realizada a partir de uma rocha gravada, inserida na estrutura sedimentar do terraço aluvial do rio Urubu no sítio Caretas, que evidentemente tem se formado após a confecção dos petróglifos.

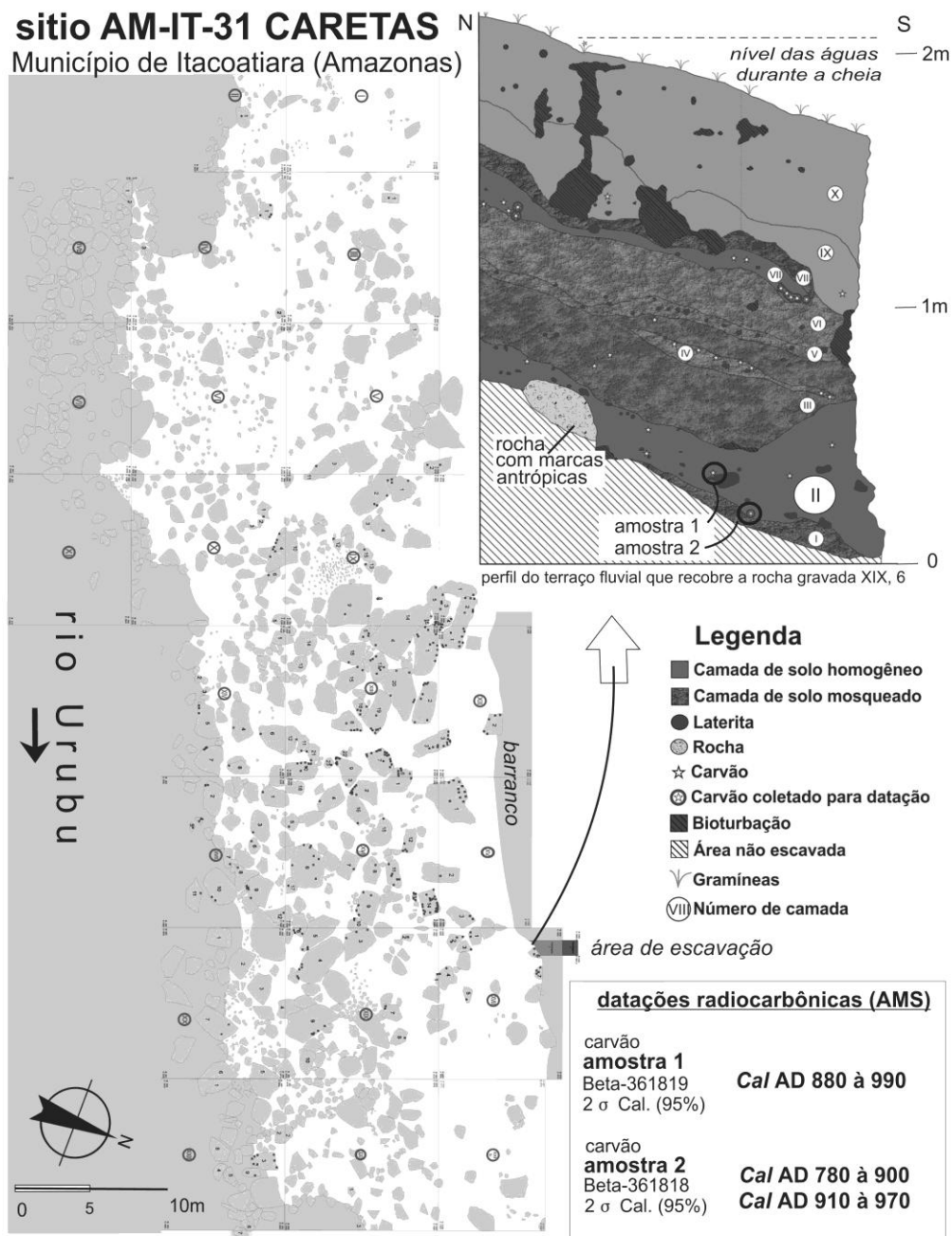


Fig. 2 Autor: F. Stampanoni

Foi realizado um corte estratigráfico de 4 m de comprimento por 3 m de profundidade máxima, escavado por níveis naturais, que evidenciou a superposição de 10 camadas de sedimentos de colúvio e de aluvião (vide fig. 2). A matriz sedimentar preponderante é areno-argilosa, sendo que foram individuados também três horizontes lateríticos (camadas IV, V e VII) de origem coluvial, que demonstram o relativamente baixo grau

de perturbação da estrutura sedimentar, embora as camadas X e IX evidenciem a presença de bioturbação recente, associada à ação de raízes. Foram coletadas duas amostras de carvão provenientes da camada II, que recobre a rocha gravada, cuja datação radiocarbônica (AMS) sugere uma idade mínima compreendida entre 1110±30 BP (Cal. AD 880 - 990) e 1170 ±30 BP (Cal. AD 780 - 900 e Cal. AD 910 - 970) para a confecção das gravuras rupestres.

Sítio AM-IT-31 Caretas: quadrante XIX, rocha 6

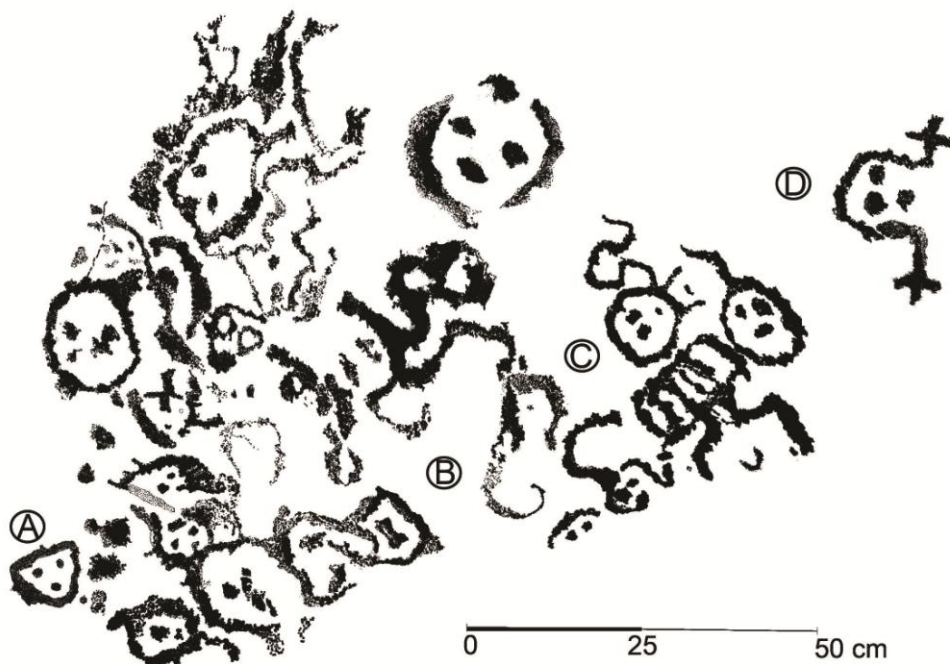


Fig. 3. Autor: M. S. Cavallini

## **Conclusões**

De acordo com as datações produzidas, foi possível estabelecer somente um parâmetro *ante quem* para os petróglifos, faltando ainda definir a antiguidade máxima de tal fenômeno. O estudo do processo morfogenético do rio Urubu pode, porém, oferecer alguns elementos analíticos úteis para formular uma hipótese sobre tal limite temporal. De fato, a distribuição dos sítios arqueológicos ao longo do Paraná do Urubu demonstra, como vimos, certo grau de estruturação com umas feições naturais (os furos de captura) que remetem a uma paisagem não muito diferente daquela atual. Recentes estudos em áreas limítrofes sugerem a data de 2000 BP para o estágio final da formação de ecossistemas similares na calha do Solimões (Behling et al., 2001), época em que são datados os primeiros sítios sedentários na região do Urubu, associados à fase Itacoatiara (Machado, 1987). Portanto, não parece inverossímil hipotizar que a formação dos sítios de arte rupestre da região possa estar associada à ocupação ceramista.

Conforme proposto anteriormente, o processo de formação do sítio Caretas pode ter sido de longa duração; portanto, não é de se excluir uma pluralidade de autorias gráficas, corroborada também pela alta variabilidade inerente ao ciclo de confecção dos petróglifos. É de se ressaltar, porém, que a homogeneidade temática e a redundância em alguns aspectos da apresentação gráfica, possam representar a intenção de produzir a aparência de uma persistência cultural, se tornando símbolos políticos efetivos que podem ter sido utilizados e manipulados, por meio da reconfiguração dos referentes.

Esses elementos, no âmbito do processo de formação de comportamentos ligados à territorialidade, associados ao aumento da interação com diversos grupos, podem ser interpretados como uma estratégia para reforçar elementos de identidade no âmbito de uma fronteira cultural.

## **Referências bibliográficas**

- BARTH, F. 1969a Introduction. In: Barth, F. (Ed.) *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Cultural Difference*. Boston, Little Brown: 9-38.
- BEHLING , H.; KEIM, G.; IRION, G.; JUNK,W.; MELLO, J. N. 2001 Holocene environmental changes in the Central Amazon Basin inferred from Lago Calado (Brazil). *Palaeogeography, Paleoclimatology, Palaeoecology* 173: 87-101.
- COHEN, A. 1974 Introduction: the lesson of ethnicity. In: Cohen, A. (Ed) *Urban Ethnicity*. London, Tavistock Publications: ix-xxiv.



- LIMA, H. (Org.) 2013 *Fronteiras do Passado: Aportes Interdisciplinares sobre a Arqueologia do Baixo Rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil*. Manaus: Edua.
- LIMA DA SILVA, C. 2005 *Análise da Tectônica Cenozóica da Região de Manaus e Adjacências*. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro.
- MACHADO, A. L. C. 1991 *As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- NEVES, E.G. 2012 *Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC-1.500 DC)*. Tese de Livre Docente do Museu de Arqueologia e etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PAUKETAT, T. R. (Ed.) 2001 *The Archaeology of Traditions. Agency and History Before and After Columbus*. Gainesvill: University Press of Florida.
- PEREIRA, E. 2012 *A Arte Rupestre de Monte Alegre: Pará, Amazônia, Brasil*. Belém: Ed. Museu Paraense Emílio Goeldi.
- PESSIS, A. M. 1992 *Identidade e classificação dos registros rupestres pré-históricos do Nordeste do Brasil*. *Clio. Série Arqueológica*, 8 (1): 35-68.